

PEDALAR COMO UM GESTO CARTOGRÁFICO

Pedaling as a cartographic gesture

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos¹

RESUMO

Quando um corpo em experiência pedala sua bicicleta pela cidade e grafa com suas rodas trajetórias, que são marcadas pelas relações estabelecidas com o espaço-tempo, uma cartografia é desenhada pelo gesto deste percurso. Esse corpo em experiência, devido às necessidades de propulsão para o deslocamento deste objeto, a bicicleta, é exigido em seu equilíbrio, atenção, escuta e abertura sensível. Lhe é demandado também o desejo, do que lhe é afetado em sua potência de ação. As geografias desses mundos vividos a partir do pedalar uma bicicleta demandam um olhar plural e diverso, que encontram na escala do corpo um ponto de partida para poder narrar. Contar as geografias de ciclistas torna-se uma tentativa de configurar a experiência espaço-temporal, no que elas mesmas podem contar em alteridade sobre as próprias pessoas. A partir de narrações das experiências de ciclistas, mais precisamente de ciclo-entregadores, são trazidas geografias oriundas dessas histórias contadas, as quais ganham forma em texto e cartografias narrativas e sensíveis, como convite para se pensar as relações possíveis entre geografia e arte, nestes esforços para se pensar uma geografia para/na/com arte.

Palavras-chave: Bicicleta. Narração de Histórias. Geoarte. Corpo.

ABSTRACT

When a body in experience rides its bicycle through the city and traces trajectories with its wheels, marked by the relationships established with space-time, a cartography is drawn by the gesture of this journey. This body in experience, due to the propulsion needs required for moving the object, the bicycle, is called upon for its balance, attention, listening, and sensitive openness. It is also driven by desire, affected by its capacity for action. The geographies of these worlds, lived through the act of cycling, demand a plural and diverse perspective that finds in the scale of the body a starting point for narration. Telling the geographies of cyclists becomes an attempt to configure the space-time experience, in which they themselves can narrate, in alterity, about their own lives. From narrations of cyclists' experiences, more specifically those of cycle couriers, geographies emerge from these told stories, taking shape in text and in sensitive narrative cartographies. This serves as an invitation to reflect on the possible relationships between geography and art, in efforts to envision a geography for/in/with art.

Keywords: Bicycle. Storytelling. Geoart. Body.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Geografia/UFPR. cecinelli@hotmail.com.

✉ Rua Professora Maria José Godoy, 260/12, Bom Retiro, Curitiba, PR. 80520220.

CORPO PEDALANTE

Os trajetos textuais que iremos percorrer aqui estão imbuídos das experiências de um corpo que pedala. Por aqui, convido você, que me lê, a pensar e refletir sobre a prática de pedalar uma bicicleta e os seus desdobramentos artísticos e acadêmicos, como um pressuposto e alicerce para a feitura de investigação, que tem interesse em discutir este fazer geográfico artístico, numa geografia com/na/pela arte. O foco aqui está centrado em debater esta prática do pedalar por esse viés **geoartístico**, tendo como pilar a experiência (Benjamin, 2016) (Larrossa, 2015), em que ela mesma possa ditar os caminhos para a escrita e contaminar a forma como se quer contá-la. Convoco para que possamos **pedalar** pelo texto, como se estivéssemos percorrendo pelas reflexões, em comunhão, assim como se pedala junto a alguém, em que se pode conversar e trocar algumas ideias, parar vez ou outra, contemplar uma paisagem, simplesmente estar em contato na abertura sensível com a vida e se deixando afetar pelo que está acontecendo. Em suma estar em **experiência**. Esse é o convite que faço.

Antes de prosseguirmos, gostaria de me apresentar minimamente, não no sentido narcísico que isso possa parecer, e sim para compreendermos os pontos de partida dessa discussão e os reais interesses que estão presentes neste trabalho de investigação que se conecta a pesquisa de doutoramento que venho desenvolvendo no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR. Acredito na importância de revelar isto, devido a necessidade do **corpo em experiência** (Fabião, 2013) tão presente em todas as etapas dos processos da investigação, que seria no mínimo negligente não falar de si. Atualmente estou como doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR, e tenho como base de

formação na graduação e na atuação profissional as artes cênicas e performativas. Ao longo dos últimos 26 anos venho trabalhando com teatro e narração de histórias. Conto histórias para pessoas de todas as idades, e principalmente utilizando objetos feitos de tecido—alguns deles foram costurados e bordados por mim. Além das questões profissionais e de formação, preciso dizer que tenho uma especial predileção, no campo pessoal, por pedalar. Desde muito pequeno gosto de passar um tempo dos meus dias pedalando numa bicicleta. Posso dizer que sou um cicloativista, desde muito jovem, mas sem a consciência de que já o era, na compreensão que utilizo a bicicleta não só como meio de transporte, mas como forma de estar e me deslocar na cidade. Isso implicou e implica também em fazer arte com a bicicleta. Desde 2017 desenvolvo um projeto de narração de histórias itinerante com bicicletas, intitulado “Percurso Afetivos” em que alinhavo estas duas grandes paixões e interesses: pedalar e contar histórias. Este mesmo projeto abriu a possibilidade, pela necessidade de compreender algumas questões sobre a narração de histórias em contexto urbano (Tierno, 2017), as relações provindas com o espaço a partir disso. E sinceramente, não queria mais estudar isso pela perspectiva dos estudos das artes cênicas, e sim através de diálogos com o urbanismo, a arquitetura, e claro, com a geografia. Foi quando me vi lendo avidamente alguns textos de referência da geografia humanista e cultural. Foi também quando me vi, sem pestanejar indo na direção desse debate, como artista dentro do campo da(s) geografia(s) e compreendendo que esse mesmo corpo, composto por tantas experiências poderia, com suas limitações e potências discutir sobre estas geografias com/na/pelas artes. Este mesmo corpo (neste sentido mais amplo) estava, e ainda está, em interesse para que essa discussão ganhe corpo.

Compreendo e defendo que o espaço acadêmico é um espaço para partilha e produção de conhecimento e que não está apartado da sociedade, com altos muros intransponíveis. Não. Definitivamente não. O conhecimento e a educação são universais, e se defendo uma democracia cultural (Cruz, 2021) em sua transversalidade em todos os campos da produção da vida, defendo a presença de uma atuação na pluralidade e diversidade em todos os lugares da vida. E isso, inclui a universidade sendo o em sua potência: universal. É uma defesa, luta constante e justificativa, para a presença desse meu corpinho de 1,68m de altura com outras trajetórias acadêmicas, e que no encontro com o campo geográfico, pode abrir diálogos possíveis com outras geografias. Coloco isto como ponto de partida para que me conheça e saiba de que lugar da experiência está partindo a palavra escrita aqui.

Há também o desejo de expor os caminhos que fazem parte dessa pesquisa. E querer expô-los está mais no sentido da vontade de compartilhar modos de fazer e refletir, para também colocar em dúvida, questionamento às errâncias, falhas, encontros, acertos e desatinos.

O convite que faço no percurso do texto é este como um pedalar, como dito antes. Só que antes de partir quero fazer alguns avisos importantes, assim como quando se faz numa bicicletada coletiva. Nos avisamos as regras, dizemos para onde vamos e como vamos nos sinalizar para indicar as direções. Por isso os caminhos que iremos seguir por aqui irão passar por um elogio à bicicleta num primeiro momento e algumas reflexões em torno do ato de pedalar. Em seguida vou contar sobre os Percursos Afetivos, que é esta prática artística que tem a bicicleta e o contar histórias como dispositivo para sua realização. Nesta prática a experiência espaço-temporal é determinada pelos dois atos de pedalar e contar histórias. Mais adiante a discussão irá ao ponto de pensar essa prática artística como

pesquisa e expondo alguns dos caminhos ao revelar este dispositivo também como mediador para a investigação. E por fim, irei trazer alguns relatos de como fiz o trabalho em campo, como um panorama, ou mesmo retrato da atualidade da pesquisa de doutoramento no que concerne ao público específico que venho investigando, que são pessoas que trabalham com ciclo entrega. Vamos pedalar! Nossas próximas paisagens serão um elogio ao ato de pedalar.

NADA COMO PEDALAR DE PEITO ABERTO PARA ENCARAR EM DESEJO A VIDA

Me dedicarei a uma resposta neste momento ao Marc Augé em seu livro Elogio a bicicleta (2009). Estar em equilíbrio sobre um objeto que tem duas rodas fixas a partir de um quadro parece um grande desafio. E o é. A presença de um selim, indica o lugar para se sentar, o guidão um grande guia de apoio para direcionar aonde se vai, e os pedais alinhavados a uma coroa que no jogo com a corrente faz a roda girar, imprimindo ritmo e velocidade. Há os freios que sempre são importantes de serem lembrados. Num elogio ao ato de pedalar poderia conclamar uma **filosofia da bicicleta** que possa nos mostrar a complexa arte do simples equilíbrio, assim como na vida. A bicicleta só se move se alguém pedalar, se alguém se mover. É pela própria energia que se faz o deslocamento. É pela própria vontade que se pedala. Se não se quer ir não se vai de bicicleta. Para pessoas com deficiência e especificidades, a bicicleta pode ser possibilidade de encontro com mais alguém que as leve na garupa, no riquixá, ou mesmo sentadas num outro selim, como nas bicicletas tandem. Há também uma demanda pelo equilíbrio que não se dá de forma estática, romantizada. Não, de forma alguma. O equilíbrio se dá em movimento. Parada, sem o apoio dos pés, a bicicleta cai

carregando, inevitavelmente, o peso da pessoa que estava nela ao chão. Do chão não se passa, mas também ao chão se machuca, e isto pode ser feio. Há uma demanda pelo movimento para se manter em equilíbrio. Os olhos sempre abertos, mas nem muito para fora e nem muito para dentro. O olhar atento e sensível para a vida. Porque uma distração pode te tirar a vida ou provocar um acidente. Pedalar é como um processo de meditação que te coloca em estado alterado de consciência e sensibilidade. Alterado no sentido de trazer mais atenção. O corpo exposto numa velocidade promovida pela própria propulsão, diferente da velocidade de um caminhar, faz com que os poros estejam mais abertos, os sentidos mais alertas e a percepção disponível para jogo com o mundo. O sentimento de ludicidade com o mundo que se apresenta, de querer desbravar e conhecer, ou mesmo de reconhecer os medos e os limites. Até onde se pode ir? Com a bicicleta se pode voltar atrás. Freios sempre que necessários como forma de cuidado. Nunca abruptos. Nunca rompantes.

Um corpo que está nessa experiência, promovida por este objeto, engenharia fruto do século XIX (Nakamori, 2016), se coloca em disputa de território com outros veículos motorizados. Esta mesma engenhoca do século retrasado, tão sofisticada em sua fórmula, vem ganhando novos designs, formatos e finalidades de uso tão diferentes. Pessoas do proletariado a usam para economizar dinheiro com transporte em muitos casos, em oposição, outras ostentam suas bicicletas como forma de se diferenciar socialmente em seus momentos exclusivos de lazer. Há bicicletas mais caras que carros, outras que são reaproveitadas ao longo dos anos, sendo revendidas inúmeras vezes. Se popularizaram na Inglaterra antes do final do século XIX e início do século XX como meio de transporte para trabalhadoras e trabalhadores chegarem aos seus locais de trabalho. Foi meio de empoderamento de grupos feministas na Inglaterra

e na França no século XX porque eram usadas por mulheres, que demandaram mudanças no vestuário, e que possibilitaram autonomia nos deslocamentos nas cidades. Também foi, e segue, como artigo de luxo para grupos elitistas. A chegada da bicicleta no Brasil no final do século XIX e início do século XX, tanto era objeto de fetichização dos mais ricos ao se referirem às elites europeias em seus momentos de lazer, como também serviu de meio de transporte para a população mais pobre e para realização de serviços como os de correio, entregas de bens e mercadorias. Uma realidade que mudou muito em certos aspectos e se manteve em outros, mesmo depois de ter passado mais de um século, mas isso veremos mais adiante, sobre as questões em torno do trabalho com as bicicletas na contemporaneidade.

Assim mesmo como numa lógica de pensamento que vai e volta como o movimento circular da corrente da bicicleta e que salta e é interrompido pelos cruzamentos, freadas e necessidades impostas pelo trânsito, o texto segue. Retomo sobre a experiência de pedalar e o corpo exposto: estar em exposição de peito aberto, nos riscos das intempéries do tempo, da fechada que pode receber de um carro, do buzinaço de um ônibus, da necessidade de comunicação através de sinais e gestos com outros motoristas encerrados dentro dos seus carros, tudo isso traz um corpo em constante atenção e negociação com o mundo na sua tentativa de sobrevivência e reivindicação do direito à cidade (Nakamori, 2016). Essa mesma maquinária que é meio de transporte, modal ativo, é veículo de transformações e convívios sociais, porque gera rede de socialização entre pessoas e animais não humanos: ciclistas se cumprimentam no caminho, costumam se ajudar em situações de vulnerabilidade, pedalam em conjunto para serem mais fortes, interrompem trânsito para fazer bicicletadas, carregam cachorros e gatos em cestinhas ou mochilas; crianças que conquistam suas autonomias porque iniciam desde a mais tenra

infância o hábito de pedalar, pessoas idosas que seguem pedalando, voluntários que levam pessoas com deficiência em suas bicicletas de dois selins, grupos de apoio que ensinam pessoas adultas a pedalar. E claro, quanto mais e mais há a presença de pessoas pedalando na cidade, mais e mais as necessidades, demandas e problemas vão surgindo, o que é normal dentro das dinâmicas sociais. No entanto, a atenção que se deve ter como meta de política pública para o corpo social, está para que a gestão desses problemas exista para saná-los: como o caso de estabelecer regras e condições públicas para que todas as pessoas possam ir e vir, como na criação de ciclovias; diminuição da velocidade dos veículos motorizados dentro do espaço urbano; estabelecimento da meta de redução a zero do riscos de acidente e morte no trânsito; educação para motoristas e ciclistas sobre convivência no trânsito; dar preferência aos pedestres, porque na hierarquia de fragilidade são os que estão mais vulneráveis; repensar modos de trabalho e condições financeiras para que as pessoas não precisem se deslocar diariamente de um extremo ao outro na cidade (Nakamori, 2016). São muitas as questões emergidas em termos sociais no que toca a experiência do pedalar, porque não seria justo apenas dizer sobre suas sensações numa escala individual, mas ao ampliar essa escala de experiência em termos comunitários, vemos que esses corpos em experiência não estão sozinhos, estão em convívio, para problematizar essa falsa dicotomia entre indivíduo e coletivo, e objetivo e subjetivo (Cosgrove, 2004). O mesmo corpo que pedala e que experiencia isto, sendo afetado, é um corpo que está em coletividade, que soma num tecido comunitário e social, portanto em alteridade, e afecção com todos os demais corpos. O mesmo corpo que é, só o é porque está em relação, em jogo com o outro. Não está sozinho. Somos porque estamos em relação dinâmica com o mundo à nossa volta. Nossas identidades se constroem a todo instante

nessa constante e ininterrupta relação. Ressalto que quando neste momento faço esse elogio a bicicleta não oblitero os problemas que o uso desse modal tem em sociedade, que dependendo dos contextos sociais e econômicos há uma inviabilidade de usar, devido as distâncias, ausência de condições de segurança e estrutura viárias, dificuldades impelidas pela topografia, e disponibilidade de tempo. Apesar do tom idílico de evocar a experiência sensorial de pedalar, há uma contradição e lamento em concomitância, porque há um desejo e manifesto para que todas as pessoas tenham o direito a experimentar isto, e não como raridade em seus cotidianos, e sim, como uma possibilidade real e acessível. Mas entendo que isto requer uma reconstrução mais ampla e profunda dos modos de produzir a vida.

ARTE EM BICICLETA E PEDALAR COM HISTÓRIAS

Talvez como resposta, possibilidade e caminho para se pensar essas reconstruções amplas e profundas sobre os modos de produção da vida, seja com a arte. Alguns artistas e/ou cicloartistas vem desenvolvendo projetos que têm a bicicleta como eixo estrutural do processo criativo transdisciplinar. Poderia aqui dedicar-me para uma sobre alguns desses projetos e ainda assim não seria o suficiente, porque são muitos os exemplos, no entanto, o que acredito ser o mais interessante: é que são plurais, diversos e variados. Citarei rapidamente alguns exemplos, e já na consciência de que serei injusto ao não mencionar outras: as intervenções artísticas feitas por David Byrne em Nova Iorque e São Francisco que estão relatadas no seu livro *Diário de Bicicleta* (2009); o festival **ART BICI MOB** que acontece em Curitiba há quinze edições e reúne cicloartistas e suas propostas artísticas; os cortejos feitos pelo artista peruano Jose Urteaga em

Lima (Peru) e em Nantes (França) com bicicletas gigantes em 2016; o uso de bicicletas para transportar os Kamishibais (Teatro de Papel) no Japão no início do século XX e que se tornou uma técnica difundida pelo mundo; o circuito dos rios curitibanos feito pelo artista Newton Goto, o projeto de arte comunitária Laboratório Cívico de Inovação Cultural realizado pelo coletivo 4iS Plataforma para a Inovação Social na ciclovias entre as cidades de Famalicão e Póvoa no norte de Portugal (Jorge; Pereira; Tomas, 2022); as ações performativas de Luciana Bastos com sua Giro Artonwheels na cidade do Porto; o festival de cinema Bicycle Film Festival que ocorre anualmente em Amsterdam (Holanda) há vinte edições. Poderia seguir aqui relatando mais e mais proposições de outros tantos e tantas artistas e cicloartistas, só que vou trazer para este corpo que aqui escreve, como ponto de partida da própria experiência e falar da proposta do Percursos Afetivos (Campos, 2020).

Como disse anteriormente, os Percursos Afetivos é uma proposta de narração de histórias, ou melhor dizendo, narração artística (Cântia; Chagas, 2021) que usa a bicicleta para itinerar pedalando junto com o público enquanto as histórias são contadas. As narrativas trazidas são criações de minha autoria que têm uma relação com aquelas geografias, ou poderia dizer também que as geografias demandam histórias para serem contadas. São histórias de pessoas, animais não humanos, de seres vegetais, dos edifícios, de ruas. Mas não são as narrativas oficiais, divulgadas pelo Estado ou como parte do legado nacional. O propósito é que sejam as histórias que ficam escondidas nos recantos e brechas da hegemonia e que possam sair das sombras e ganhar outros espaços. O projeto iniciou em 2017 na cidade de Curitiba, onde já foram realizados 8 percursos com suas próprias histórias e um nono que é uma modalidade de intervenção artística feita com o lançamento de dados em que

as histórias (microcontos) são narrados de improviso ao longo do caminho. Além da capital paranaense, o projeto já foi apresentado nas cidades de Pinhais, Ponta Grossa e Camborá (PR), Itajaí (SC), Poços de Caldas (MG), Bodocó, Petrolina, Araripina (PR), Natal (RN), Lima (Peru), Los Silos–Tenerife (Espanha) e Porto (Portugal). Para cada localidade são criadas histórias particulares e específicas e que algumas vezes se cruzam porque alguns dos personagens acabam se deslocando e ganham desdobramentos dos seus fios narrativos em outras geografias. De alguma forma o projeto acaba cartografando não só os percursos em si, mas essas **geografias das histórias contadas** (Campos; Torres, 2020).

O projeto vem pensando ao longo desse tempo, dentro de seu desenvolvimento, que se considera como uma prática artística que compreende a sua ação como um dispositivo. Digo isto no sentido de trazer a ideia de um dispositivo como um ponto de encontro entre cruzamento de linguagens artísticas em relação com o público—aquelas pessoas que acompanham pedalando e escutando as histórias, assim como as pessoas que são transeuntes nos espaços públicos por onde atravessa a performance. O dispositivo coloca e demanda um **corpo em experiência** (Fabião, 2013) para aquela pessoa que “conduz” a performance narrativa, mas também conchama aquelas pessoas que ali estão para estar “em experiência”, e a bicicleta se torna, neste caso um grande mediador, uma vez que ela dispara uma sensibilidade e atenção diferenciadas devido a sua necessidade para se estar com ela. Penso aqui que a bicicleta, em comunhão como um dispositivo em prática artística, é uma analogia da complexa Teoria dos Afetos de Spinoza (2018), como se, em experiência, ao sermos afetados e sofreremos as afecções, há a possibilidade da potência de agir, e essa ação ganha encarnação no desejo de mover-se pelo mundo em pedalar. Ao pedalar escutando as histórias, essas simples

narrativas que fazem correlação com a ambiência ao redor partir da sonoridade, do que se conforma como paisagem sonora (Torres, 2014) evocada pela vocalização pelo narrador numa geografia das histórias contadas (Campos e Torres, 2020), entrelaçam essas relações espaço temporais (Massey, 2008). Esmiúço mais: essas relações espaço temporais em que o que é história e geografia não se dão mais de forma dicotômica e sim em relação, em alteridade, sendo paisagem-lugar ou lugar- paisagem porque o espaço-tempo se dá a partir de uma experiência estética que reconfigura as relações sem hierarquização. A voz evocada pela pessoa que narra, que pode ser o contador de histórias ou mesmo alguém do público que é convidado a contar algo de sua vida provoca outras camadas de leitura daquele lugar. Algo acontece, somos todas e todos afetados. A relação de alteridade não está mais nas relações interpessoais, mas entre os espaços e as pessoas. Num jogo em que as emoções espaciais estão em relação com uma pessoa, como também com um grupo. Não há como não lembrar do que Augustin Berque (2016) nos relata sobre o conceito de paisagem da China no século V d.C, muito anterior a reivindicação europeia de maternidade da ideia paisagística. O autor nos conta que a palavra *shanshui* traz consigo, no seu sentido, a ideia de paisagem, porque tem em si a relação afetiva com um espaço exterior a pessoa, uma ambiência a partir da sonoridade, representada por um poema.

Indago se a partir da experiência artística *in loco*, não seria essa também uma possibilidade de provocação e criação de outros espaços tempos? As **geografias das histórias contadas**, imbuídas das memórias individuais e coletivas, não estariam a criar possibilidades de mais e mais leituras expandidas sobre as realidades que nos circundam? Mais do que apenas afirmar contundentemente, prefiro me perguntar e jogo esta pergunta para ti, respondendo em verificação com as possíveis leituras das experiências espaço-temporais que, por

exemplo, os Percursos Afetivos tem me proporcionado. Sigo como aquelas personagens dos contos da tradição sufi, que quando são indagadas, ontologicamente, respondem com uma pergunta ou com um reticente “não sei” para simplesmente seguir a buscar como se é como um sufi (aquele que busca) (Guilhon, 2015).

RASTROS DE UM PERCURSO COMO PISTAS PARA UM MAPA

Em suas investigações apontam os riscos de instrumentalizar o processo criativo ou mesmo a prática artística, como um meio, ou como um objeto para ser analisado a posteriori, ou como algo que precisa ou será superado com a arguta objetividade científica. Não é aqui uma defesa contra a necessidade da objetividade científica, porque sim é necessária para muitos caminhos e processos de investigação. Mas a produção de conhecimento pode ser diversa como bem nos aponta Bordieu (1998) e mesmo o Larrossa (2015) quando nos lembram que há outros caminhos que também precisam ser considerados e estes têm suas próprias linguagens. Estes autores nos lembram de processos de aprendizagem e produção de conhecimento em que o corpo é um conhecido e antigo mestre, condutor nas manualidades, guia em danças e cantos, em técnicas em que ao estar apenas junto a alguém imitando ou não, observando, permitindo repetir, errar e acertar. Vide o exemplo de Olmedo e Mekdjian (2016) com as mulheres imigrantes e refugiadas em Grenoble ao bordarem seus mapas. Há uma sensível “fala” ali que transpõe a possibilidade de um diálogo convencional através de uma entrevista. Aquelas mulheres não se sentiam confortáveis para conversar com estranhos ao seu convívio. Bordar foi um abre alas para uma possibilidade de conversa para além das palavras, um encontro com trocas e ensinamentos aprendidos pelo gesto, pelo

olhar, pelo consentimento. E o quanto que a experiência demanda suas próprias linguagens (Larrossa, 2015). Nada está garantido. Nada já está pronto e dado. Estamos em coletivo nessa grande rede e teia conversando e tecendo essas possibilidades e esforços. Estou nela e contigo por isso te convido a pensar sobre isso. Quando convoco a bicicleta como esse mediador e a prática artística dos Percursos Afetivos como dispositivo também para estar na pesquisa é para que esse fazer artístico contamine, embrenhe e possa estar enquanto linguagem poética também na maneira de produzir o conhecimento.

Vou contar aqui um pouco da minha prática como pesquisador. E contar para mim, é um ato muito importante, porque está no sentido de também ser aqui esse contador de histórias, de quem tem o hábito de trazer a narrativa. Conto como foi que estive em contato com essas geografias das histórias escutadas e contadas ao longo dos percursos dos trabalhos de campos para que possamos perceber isso que digo.

Ao trazer os Percursos Afetivos para pesquisa, não me interessava trazer a performance artística e seus resultados como público para ser o “objeto”. E sim, o dispositivo como caminho, metodologia de mediação, de estar em pesquisa, de estar em experiência de escuta e narrar. Inicialmente a pesquisa foi com um grupo de jovens dentro do Centro da Juventude da Borda do Mato no município de São José dos Pinhais na Região Metropolitana de Curitiba. Isso aconteceu entre o final do ano de 2019 e início de 2020. Fizemos alguns percursos com bicicletas pelo bairro que fica tanto na fronteira da região rural e urbana, não à toa se chamar a borda do mato. Esses jovens contavam suas histórias ao longo dos percursos pedalados, ao mesmo tempo que novos acontecimentos ao longo do caminho nos traziam reconfigurações de relação como espaço. No entanto, a pandemia da Covid-19 interrompeu o trabalho de campo, as atividades do CJ, enfim, tudo que nós conhecíamos como uma certa “normalidade”.

Tudo então foi alterado. Conto detalhes desse processo no texto **Entrelaçamentos artístico-geográficos: por uma geografia das histórias contadas** (2022) apresentado no I Congresso Internacional Estudos da Paisagem (2021). Diante do desafio e dos impasses gerados pela pandemia, decidi trocar o grupo com o qual trabalhava para acompanhar trabalhadoras e trabalhadores que fazem cicloentrega, que ganharam destaque durante os momentos mais acirrados de isolamento social, porque diante dos desafios impostos, estas pessoas foram fundamentais para que uma camada da população pudesse ter acesso a bens e produtos direto em suas residências. Nota-se aqui que me refiro a uma camada da população. Me interessava saber as histórias de vida dessas(es) trabalhadoras (es), e estar com essas pessoas, se tornava mais possível com a bicicleta, até porque se pode manter o 1,5m de distância ao longo do caminho, o que deixava mais seguro o contato. O fiz por minha conta e risco, num momento que ainda não estava vacinado com nenhuma das doses. Mas o fiz.

Cheguei a cada uma dessas pessoas através de: indicações por grupos de *WhatsApp* organizados por cicloentregadores; ponto de apoio realizado pela Bicletaria Cultural em Curitiba com distribuição de marmitas e disponibilização de oficina mecânica; pesquisa em que fui colaborador na Ciclolguaçu (Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu); e estando em lugares da cidade onde há um grande fluxo dessas pessoas na espera de pedidos que aparecem pelos aplicativos de entrega. Uma vez que se estabelecia o contato, a partir de uma breve conversa em que me apresentava e falava da minha pesquisa, perguntava se havia interesse em participar. Daí combinávamos um momento posterior em que eu pudesse acompanhar um período de entregas e coletas ao longo de algumas horas num determinado dia. Na hora e data marcadas nos encontrávamos e assim eu ia seguindo, pedalando enquanto a pessoa estava trabalhando. Mas quem anda de bicicleta, e já está acostumada

a isso, começa a desenvolver certas habilidades, como a de conversar pedalando. E nesse ponto posso dizer que a bicicleta se tornava (se torna) uma grande mediadora, estar ali ao lado, em alguns momentos dessas pessoas, depois de algum tempo de trocas de trivialidades e conversas banais, estar em pé de igualdade no pedal, trazia alguma confiança e algumas confissões, segredos e histórias cabulosas eram contadas. Relatos e crônicas do cotidiano e para além dele, daquilo que as mobilizavam na vida eram narradas entre um cruzamento e outro, no ritmo do trânsito e na cadência da pedalada. As narrativas poderiam saltar, ser interrompidas pelo carro, ganhar tempo e calma num sinal vermelho, serem silenciadas por um pedido que surgia. As histórias se misturavam de um passado longínquo, com o que aconteceu naquele lugar em que estávamos passando e com o que motivava aquele trabalho. Inspirações, desejos, sonhos e vontades atravessavam como um oxigênio para incorporar as horas seguidas, as frustrações pesavam e não havia marcha que pudesse tornar o peso dela mais leve. Acompanhar essas pessoas como um interlocutor, em seus percursos afetivos, foi e é uma forma de acompanhar suas **geograficidades** (Dardel, 2015), ao mesmo tempo que estar e realizar a minha também. Ao contar sobre parte desse processo de acompanhar no campo, posso dizer que observar e ver o traçado dos percursos marcados pelas rodas das bicicletas, acompanhar essas **corpografias** (Mathias; Filho, 2020) que traz o pedalar como um gesto marcador desta cartografia sensível e narrativa para poder contar essas geografias. E essas geografias contam sobre essas pessoas. A bicicleta quando pedala marca seu trajeto no mundo, seus percursos são marcados ao longo do caminho, não fisicamente apenas, mas pela sensação e experiência, salientadas pelo dispositivo. A prática artística se torna um gesto de cartografar o percurso, na expansão do que engloba a cartografia narrativa e sensível gerada imaginariamente por

quem atravessa e percorre os lugares-paisagens pedalando ouvindo as histórias. Pedalar como um gesto cartográfico no convite para além de um corpo marcado pelo hábito, na transposição e superação disso, em consciência e abertura de sentidos, apto para estar.

O que tenho feito como uma continuidade do campo é que cada uma dessas pessoas trabalhadoras depois de suas histórias contadas e o percurso feito, em alguns casos nos sentamos em algum momento posterior para poder conversar mais. Mas não são todas as pessoas que se disponibilizam a isso. E depois de tudo isso está a criação geoartística em si, que vem ganhando materialidade por duas possibilidades que se entrelaçam com a minha experiência artística, que é confecção dessas cartografias sensíveis e narrativas através de um mapa e um texto literário ficcionalizando as geografias das histórias contadas ao longo do percurso. Cada corpografia, de cada cicloentregador(a), é uma possibilidade ontológica de cidade, um enquadramento de vida. Como se cada uma dessas pessoas carregasse em si uma cidade e todas elas em suas trajetórias espaço temporais convivessem numa mesma cidade, tamanhas são as particularidades, diversidades e diferenças de cada uma delas.

Ponto de chegada? Ou apenas uma pausa para contemplação por enquanto?

Importante salientar que ao falar dos percursos afetivos dessas pessoas que trabalham com a cicloentrega ou ciclogística, não estou de nenhuma forma a falar de algo afetivo, carinhoso ou “fofinho” no que possivelmente esse estigma ou estereótipo do que é afetivo pode ter. Porque quando se fala aqui por uma geografia dos afetos que poderiam também ser chamadas de geografia emocional ou das emoções (Silva, 2019), ou geografias dos afetos. Prefiro ainda manter a palavra afeto e afetiva para relacionar à teoria espinosiana (Spinoza, 2018), mesmo que haja muitos encontros e conexões com

a teoria levantada pela geógrafa Márcia Alves Silva (2019). Os afetos são esses que nos trazem potência em agir no mundo, que provocam, nos fazem mover, ou nos despotencializam, nos afeccionam, sendo estes alegres ou tristes e em suas complexas combinações como muito bem exposta por Spinoza.

E sobretudo, me parece extremamente ingênuo e superficial a leitura de que ao falar dos percursos afetivos dessas pessoas, está a se tratar de ficcionalizar para romantizar alienando a complexidade dos fatores e marcadores culturais, sociais e econômicos que levam essas pessoas a aceitar essas condições tão precárias de trabalho. Ao lidar com as histórias de vida e as geografias contra hegemônicas e marginais dessas pessoas, abre-se a possibilidade de encarar, lidar e apontarmos em coletivo com complexidade que está em torno das questões que levam as pessoas estarem nessas condições de trabalho. Não estamos em um ponto que alguém simplesmente “escolhe” trabalhar ou viver assim, como tanto nos dizem os slogans e chamadas de “empreendedorismo” neoliberal. Não, de fato, não há “escolhas” e tampouco “liberdade”. Mas ao escutar essas histórias de vida e recontá-las possa nos elucidar e desenharmos, de forma coletiva, participativa e transdisciplinar, novos trajetos que suportem dignidade e condições mais favoráveis a essas pessoas. ○

REFERÊNCIAS

- AUGÈ, Marc. **Elogio de la bicicleta**. Barcelona, Gedisa, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. v. 1. Obras Escolhidas (S. P. Rouanet, Trad.; 8ª ed). São Paulo, Brasiliense. 2016.
- BERQUE, Augustin. **La pensée paysagère**. Bastia: Éditions Éoliennes, 2016. BORDIEU, Pierre. **Meditações Paschoalinas**. Oeiras, Celta Editora, 1998. BYRNE, David. **Bicycle Diaries**. Londres: Farber and Farber, 2009.
- CAMPOS, Carlos Eduardo Cinelli O. de. Percursos criativos e geográficos para a Arte de Contar Histórias: uma perspectiva geográfica para as histórias contadas. **Anais do IV Simpósio Internacional e V Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte-uma interface entre Geografia, Turismo, Literatura e Arte: entre viagens reais e imaginárias**, Rio de Janeiro, 2020. p. 567-579.
- CAMPOS, Carlos Eduardo Cinelli O. de; TORRES, Marcos Alberto. Entre as geografias narradas e os imaginários geográficos, In: DOZENA, Alessandro. **Geografia e Arte**, Editora Caule de Papiro, Natal, 2020. p. 175-208.
- CAMPOS, Carlos Eduardo Cinelli O. de; TORRES, Marcos Alberto. Entrelaçamentos artístico-geográficos: por uma geografia das histórias contadas In: CARNEIRO, Ana Karolina; FEITOZA, Suzany. Nós : Caderno do I Congresso Internacional Estudos da Paisagem (2021) : **Anais Patrimônio em Silêncio**, EDUFAL, Maceió, 2022.
- CÂNTIA, Aline; CHAGAS, Fernando. **Narração Artística**: modos de fazer In: CÂNTIA, Aline; CHAGAS, Fernando. (Orgs.) Belo Horizonte. AbraPalavra, 2021.
- COSGROVE, Denis. A geografia está por toda parte, In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2004. p. 92-122.
- CRUZ, Hugo Alves da. **Práticas artísticas, participação e política**. Porto, Edições Colibri, 2021.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo, Perspectiva, 2015.
- GUILHON, Gisele, Rumi e Shams: **Notas Biográficas**. São Paulo, Fonte Editorial, 2015.
- KOZEL, Salette. **Mapas Mentais**: Dialogismo e representações. Curitiba, Appris editora, 2018.

JORGE, Francisco; PEREIRA, Nelson; TOMAZ, Daniela. **Há Cultura! Cultura para todos** – Coordenação editorial Município de Vila Nova de Famalicão e MEXE Associação Cultural, Famalicão, Tipografia Mota & Ferreira, 2022.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

MATHIAS, Fernando Manteufel Fiorotti; QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. Corpo-bicicleta e o deslocamento urbano: Relatos de um pedalar como experiência. In: **Anais do XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo** São Paulo-Lisboa, São Paulo, 2020.

NAKAMORI, Silvana. BELOTTO, José Carlos Assunção; OLIVEIRA, Antônio Gonçalves de. **Diretrizes para a elaboração de política pública de ciclomobilidade**: experiências do Programa Ciclovida da UFPR. Curitiba, PROEC/UFPR, 2016.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: o corpo em experiência. **Ilinx Revista do Lume** – Núcleo Interdisciplinar em Pesquisas Teatrais – Unicamp. n. 4, p. 1-11, 2013.

FERNANDES, Ciane. Quando o Todo é mais que a Soma das Partes: somática como campo epistemológico contemporâneo. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 9-38, jan./abr. 2015.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

MEKDJIAN, Sarah; OLMEDO, Élise. **Médier les récits de vie**. Expérimentations de cartographies narratives et sensibles. **Mappe Monde**. n. 118, p. 1-11, 2016.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **O eu, o outro e o(s) nós**: geografia das emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da igreja messiânica mundial. 302 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte e São Paulo: Autêntica, 2018.

TIERNO, Giuliano. Ensaio com a praça pública ou sobre o conto nas cidades complexas. In: TIERNO, Giuliano; LIESENFELD, Leticia (Orgs.). **Narra-te cidade**: Pensamentos sobre a Arte de Narrar Histórias hoje. A Casa Tombada Edições. São Paulo, 2017. p. 19-36.

TORRES, Marcos Alberto. **Os sons que unem**: a paisagem sonora e a identidade religiosa. 241 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

WRIGHT, John. *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.

Submetido em dezembro de 2023.

Revisado em fevereiro de 2024.

Aceito em março de 2024.